

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIATENAS

HUGO GABRIEL RIBEIRO DA SILVA FARIA

DESAFIOS DO PROCESSO INCLUSIVO: as contribuições da
Psicologia para o aluno no Transtorno do Espectro Autista.

Paracatu
2022

HUGO GABRIEL RIBEIRO DA SILVA FARIA

DESAFIOS DO PROCESSO INCLUSIVO: As contribuições da Psicologia para o aluno no Transtorno do Espectro Autista.

Monografia apresentada ao curso de Psicologia do UniAtenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de constatação: Psicologia Escolar.

Orientadora: Prof. Msc. Ana Cecilia Faria

Paracatu

2022

HUGO GABRIEL RIBEIRO DA SILVA FARIA

DESAFIOS DO PROCESSO INCLUSIVO: as contribuições da
Psicologia para o aluno no Transtorno do Espectro Autista.

Monografia apresentada ao curso de
Psicologia do UniAtenas, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel
em Psicologia.

Área de constatação: Psicologia Escolar.

Orientadora: Prof. Msc. Ana Cecília Faria

Banca Examinadora
Paracatu-MG 16 de maio de 2022.

Prof. Msc. Ana Cecília Faria
UniAtenas

Prof. Esp. Alice Sodré dos Santos
UniAtenas

Prof. Msc. Hellen Conceio Cardoso Soares
UniAtenas

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, que me proporciona todos os dias forças para dar continuidade a todo esse processo de ressignificação, onde a cada dia consigo crescer como indivíduo pessoal e coletivamente, e por nunca ter deixado faltar maturidade para lidar com meus erros e acertos, meus erros não me fizeram desistir e meus acertos não me fizeram uma pessoa egoísta e sem valores.

Sobretudo, quero agradecer imensamente a todos que fizeram parte desta caminhada, família, amigos (as), orientadora, professores e futuros colegas de profissão que terei a mais alta elevada estima e prazer de fazer parte do quadro de profissionais atuantes na Psicologia.

Por fim, quero agradecer a instituição UniAtenas por proporcionar um ótimo ambiente de convívio onde fiz várias amizades que levarei para toda a minha vida não só profissional, como também pessoal.

Dedico este trabalho á todas as pessoas
que lutam diariamente por uma sociedade
mais igualitária e inclusiva.

RESUMO

A educação inclusiva no Brasil já é uma realidade, porém ainda se vê um certo despreparo por parte dos educadores frente a inclusão, mediante a isto, este trabalho bibliográfico traz como objetivo apresentar como a Psicologia enquanto ciência pode ajudar neste processo inclusivo, em especial os alunos com Transtorno do Espectro Autista, haja vista que o acesso do aluno com TEA no ensino comum é uma realidade quem vem aumentando cada vez mais no país, pois a leis que proíbem as escolas recusarem crianças com TEA. A escola pode se beneficiar de diversas maneiras com a atuação do Psicólogo(a) trabalhando no processo de inclusão de crianças com TEA dentro das escolas, pois o psicólogo(a) pode trazer uma definição mais ampla do autismo e a necessidade de incluir o aluno no ambiente escolar de forma inclusiva e igualitária, tendo em vista que, para que ocorra este processo é necessário que se tenha um grande conhecimento sobre Autismo e Inclusão de forma geral, onde a instituição e a família devem cooperar entre si para que ocorra de maneira saudável e proveitosa tanto para a criança a ser incluída quanto para a instituição que irá acolhe-la. Diante da grande demanda dos alunos com TEA dentro das escolas no ensino comum, faz-se necessário falar sobre o tema, mesmo sabendo dos grandes desafios a serem enfrentados no processo inclusivo.

Palavra-chave: Autismo, Psicologia escolar e inclusão de autistas.

ABSTRACT

Inclusive education in Brazil is already a reality, but there is still a certain lack of preparation on the part of educators in the face of inclusion, through this, this bibliographic work aims to present how Psychology as a science can help in this inclusive process, especially students with Autism Spectrum Disorder, given that the access of students with ASD in common education is a reality that has been increasing more and more in the country, as the laws that prohibit schools from refusing children with ASD. The school can benefit from several Minas Gerais with the role of the Psychologist working in the process of including children with ASD within schools, as the psychologist can bring a broader definition of autism and the need to include the student in the school environment in an inclusive and egalitarian way, considering that, for this process to occur, it is necessary to have a great knowledge about Autism and inclusion in general, where the institution and the family must cooperate with each other so that it occurs in a general way. healthy and beneficial both for the child to be included and for the institution that will host them. Faced with the large increase in students with ASD within schools in ordinary education, it is necessary to talk about the topic, even knowing the great challenges to be faced in the inclusive process.

Keyword: *Autism, School psychology and inclusion of Autistics.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	10
1.2 HIPÓTESE.....	10
1.3 OBJETIVOS.....	10
1.3.1 OBJETIVO GERAL.....	10
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
1.4 JUSTIFICAVA.....	10
1.5 METODOLOGIA DE ESTUDO.....	11
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	11
2 TEA E A INCLUSÃO ESCOLAR.....	13
3 O PAPEL DO PSICÓLOGO FRENTE AO PROCESSO INCLUSIVO.....	18
4 POSSÍVEIS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS ESCOLAS E PELOS ALUNOS.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é o transtorno que tem a maior heterogeneidade, ou seja, cada criança tem suas particularidades em especial muitas apresentam dificuldades na fala e na escrita, já outras crianças podem não apresentar estas características, sendo assim, o Transtorno do Espectro Autista se caracteriza como um distúrbio comportamental que afeta de maneira leve, médio ou grave no desenvolvimento infantil (QUEIROZ et al, 2017).

O Autismo foi inicialmente definido por Kanner (1943), titulado por Distúrbio Autista do Contato Afetivo, com particularidades comportamentais muito específicas do tipo: solidão autística extrema, perturbações das relações afetivas com o meio social entre diversas outras características. Segundo Kanner (1943), a abordagem etiológica do Autismo Infantil destaca a existência de distorção do modelo familiar ocasionando alterações no desenvolvimento psicoafetivo da criança, conseqüente do caráter altamente intelectual dos pais desta criança.

Como apontado por Schmidt (2016), o processo de inclusão escolar não só da criança com TEA, mas também como das outras crianças que sofrem de algum tipo de transtorno específico vem se moldando de acordo com as novas demandas e necessidades de adaptação dessas crianças no âmbito escolar, fazendo com que cada uma delas se sinta incluída junto com as outras crianças, sem a necessidade das segregações no meio escolar que torna-se prejudicial ao desenvolvimento escolar, social, familiar e individual da criança.

No Brasil, em instituições ou estados ainda não conseguem adotar meios fidedignos para que essas crianças possam ser incluídas, mesmo estando previsto em lei, e por diversas vezes acabam atrapalhando o desenvolvimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista, e por isso enfrentam diversos desafios dentro do âmbito escolar.

O psicólogo junto ao psicopedagogo exerce um papel fundamental neste processo inclusivo do aluno com TEA, contribuindo para o desenvolvimento deste aluno e desmistificando conceitos errôneos acerca do diagnóstico da criança.

O presente estudo, tem como objetivo explicar os desafios vivenciados pelas crianças diagnosticadas com TEA no âmbito escolar visando algumas perspectivas e contribuições psicológicas acerca do processo inclusivo de educação na rede pública de ensino.

1.1 PROLEMA DE PESQUISA

De que forma o trabalho da Psicologia pode contribuir para a integração do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo no processo inclusivo?

1.2 HIPÓTESE

O processo inclusivo escolar colabora para um melhor desenvolvimento na socialização, na área intelectual e no desenvolvimento de habilidades da criança com Transtorno do Espectro Autista.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Apontar fatores que estão associados a segregação no âmbito escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Entender como o aluno no TEA pode ser incluído no ambiente escolar;
- b) Compreender o papel do psicólogo frente aos processos inclusivos;
- c) Pontuar que serão enfrentados pela a escola e os alunos;

1.4 JUSTIFICATIVA

As discriminações que essas crianças sofrem no âmbito escolar têm sido cada vez mais discutidas nos dias atuais, entretanto, a política pública pouco tem feito para ajudar as escolas a encontrarem caminhos que ajudem essas crianças a se desenvolverem de maneira em que elas se sintam incluídas no meio social e escolar; por muitas vezes essas crianças são julgadas como teimosos, mimados ou até mesmo mal-educados, adjetivos pejorativos como estes são frequentes na vida dessas crianças (DE MATTOS, 2011).

A falta de estrutura e de planejamento por parte das escolas, leva muitas pessoas a optarem por procurar em instituições de ensino privado ou ensiná-los em

casa na expectativa de que seus filhos terão uma adaptação melhor; em virtude disto, o estigma relacionado a inclusão escolar é por muitas vezes questionado, e ainda nos dias de hoje muitas escolas não aceitam crianças com Transtorno do Espectro do Autista, por acreditarem que essas crianças de certa forma atrapalharão o desenvolvimentos das outras crianças em sala de aula (Lima,2016).

Logo, é de suma importância elucidar o papel do psicólogo neste contexto, levando em consideração sua atuação junto a escola, propondo palestras, dinâmicas, promovendo melhorias no aprendizado e detectando possíveis falhas neste processo para que as pessoas possam entender melhor sobre o Transtorno do Espectro Autista, e conseqüentemente diminuir os preconceitos acerca dessas crianças, levando assim uma inclusão cada vez mais fidedigna.

1.5 METODOLOGIA DE ESTUDO

O presente trabalho se dará por meio de pesquisa bibliográfica, a qual terá por finalidade a compreensão dos desafios do processo de inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista no meio escolar.

Soares (2018) caracteriza a pesquisa bibliográfica como uma pesquisa com propósito de procurar informações essenciais em artigos científicos, livros, trabalhos acadêmicos de tese, monografia e outros meios impressos e eletrônicos. No presente estudo, será feita a pesquisa bibliográfica com o propósito de agregar o máximo de informações contidas em artigos, livros, revistas, teses, monografias, entre outros.

A pesquisa bibliográfica se faz necessária para diversos tipos de estudos e pesquisas, pois é nela que o pesquisador irá conhecer e compreender as principais teorias e contribuições acerca do assunto pesquisado (koche, Marinello, boff, 2009).

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho foi dividido em cinco capítulos, o primeiro referente a introdução, no qual será abordado uma visão geral dos assuntos a serem discutidos ao longo da monografia.

O segundo é focado na inclusão do aluno com TEA no meio escolar.

O terceiro apresenta aspectos da psicologia na função inclusiva.

O quarto se dedica a apresentar desafios a serem enfrentados por escolas e alunos nesse processo.

O quinto e último diz respeito às conclusões finais, tratando de evidenciar o desenvolvimento do processo inclusivo dentro do âmbito escolar.

2 TEA E A INCLUSÃO ESCOLAR.

Inicialmente será elucidar de quais formas os alunos podem ser incluídos no ambiente escolar e como a inclusão se diferencia da exclusão. Nos dias atuais quando é abordado o tema sobre pessoas com deficiência na sociedade, ainda vem a ideia de castigos ou de consequência de algo que a pessoa fez de errado, pois essas informações são atribuídas à Bíblia por muitas pessoas. (BRANDENBURG,2013).

Para desmistificar tais atribuições errôneas é de suma importância explanar como se deu a história da inclusão no Brasil que se iniciou a partir do século XIX, por iniciativas oficiais e particulares isolados, por interesse de alguns educadores pelo atendimento educacional, inspirados por experiências europeias e norte-americanas. (BRANDENBURG,2013).

Mediante as inspirações vindas do exterior iniciou-se no Brasil uma preocupação com as pessoas portadoras de necessidades especiais, porém foi apenas no final dos anos 50 e início dos anos 60 do século XX que se deu início de fato a este processo. Assim a história da Educação Especial foi se estruturando de maneira assistencial, sob uma pesquisa isolada e sob uma pesquisa dividida das deficiências, fato que contribuiu para o isolamento para a vida escolar e social das crianças e jovens com deficiências. (BRANDERNBURG,2013).

Neste sentido pode ser dizer que a inclusão social está diretamente ligada a uma temática de um Estado Democrático e Social de Direitos, no qual todas as pessoas podem acessar seus direitos. Assim também a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) estabelece a educação infantil como primeira etapa da educação básica, tendo como base inicial o desenvolvimento integral de todas as crianças, inclusive as com necessidades educacionais especiais (BRANDENBURG, 2013).

Levando em consideração o contexto histórico da inclusão no Brasil, é de grande importância entender que a inclusão está diretamente ligada a várias lutas que garantem que os direitos das pessoas que possuem algum tipo de necessidade especial sejam garantidos e que a inclusão seja de fato algo presente na sociedade. Mas para que isso ocorra é necessário que várias mudanças aconteçam, principalmente nos valores e conceitos de uma sociedade, nos quais a escola está implicada historicamente, preparando o aluno com deficiência para o pleno exercício de sua cidadania e, ao mesmo tempo, preparando o ambiente escolar para receber

estes alunos; porém, estas mudanças hoje no meio escolar estão ocorrendo de uma maneira muito lenta, gradativa, planejada e contínua, pois é necessário repensar na escola com outro olhar em relação a inclusão. Precisasse pensar e traçar planejamentos das aulas, sua organização especial, até a avaliação destes alunos, pois sabemos que os mesmos devem ser avaliados dentro de suas limitações, e de forma alguma deve ser subjugado por isso (BRANDENBURG,2013).

Desse modo, pode-se entender que qualquer indivíduo, independentemente de sua limitação, cor, raça, religião, etnia, classe social, deficiência ou comorbidade merece ser respeitado igualmente, sem nenhum preconceito ou distinção, pois todos os indivíduos são plenamente capazes e têm habilidades. Independente da limitação, faz-se importante a garantia de direitos e de políticas públicas que possibilitem a inclusão das crianças com deficiência no ambiente escolar (DE AGUIAR,2018).

Tendo essas perspectivas em vista a escola inclusiva deve busca a construção de práticas pedagógicas que visa um ensino de qualidade para todos, estimulando os indivíduos em sua capacidade de percepção, expressão, criatividade e interação com as outras crianças. A inclusão de forma geral é trazer o aluno para dentro do contexto escolar de maneira em que ele possa ser incluído e não apenas inserido (DE AGUIAR,2018).

Assim podemos entender que a inclusão escolar e social pode beneficiar o indivíduo com necessidades especiais e trazer diversas contribuições para seu desenvolvimento. Nota-se também que a exclusão está muito presente nas realidades das escolas no Brasil, e pode atrapalhar de maneira significativa o bom desenvolvimento do aluno, e essa é uma questão que precisa ser observada com mais atenção. Agora que compreendemos como se deu o surgimento da inclusão de forma breve no Brasil, focaremos no processo de inclusão do aluno com TEA no ambiente escolar.

O TEA é uma condição que é pouco conhecida entre os educadores e corpo docente da escola e que, na prática, tem gerado diversos entraves que inviabilizam os processos inclusivos, principalmente a falta de eficácia de um atendimento educacional adequado as suas necessidades. Muitos docentes que atuam em escolas inclusivas não definem com expertise os aspectos e características dos alunos com TEA. Por isso é importante reafirmar a ideia de que incluir não é só oferecer o direito a matrículas nas escolas regulares, mas oferecer condições necessárias para o

efetivo processo de ensino e de aprendizagem, dentro de um ambiente motivacional, saudável e em constante movimento de reflexão-ação para que o aluno se desenvolva assim como os demais. (MARIA, AUREA, 2021).

Para entendermos melhor como se dá o processo inclusivo dos alunos com TEA, primeiramente precisamos conhecer um pouco melhor seu contexto histórico. Os primeiros relatos dos Transtornos do Espectro Autista foram realizados por Leo Kanner (1943) e Hans Asperger (1944). Kanner identificou uma grande dificuldade dessas crianças em lidar com suas relações interpessoais, como também dificuldades em relação a fala, e algumas a escrita. Kanner explicou certos aspectos das crianças com autismo como: não haverem modificações físicas expressivas, interesse por fotografias, obsessão em manter rotina e hábitos padronizados. Asperger acrescentou mais algumas características, como por exemplo, a incapacidade em olhar para outras pessoas nas relações sociais (MATTOS e NUERNBERG, 2011).

No entanto, a partir dos anos 70, começam a serem feitos estudos mais ordenados sobre o autismo. Lorna Wing, uma psiquiatra inglesa, propôs a ideia de “espectro autista” para indicar déficits qualitativos na chamada tríade de deficiências em todos as pessoas, seja na comunicação verbal e não-verbal, convívio social e imaginação (MATTOS e NUERNBERG, 2011).

O Transtorno Autista é um dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento – TID de acordo com o DSM-IV-TR (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2002). No entanto, o autismo é uma síndrome descrita há mais de seis décadas que ainda hoje não foi completamente compreendida. Diversas teorias visam explicar as possíveis causas e os sintomas decorrentes do autismo, sendo que atualmente as definições tendem a conceituá-lo como uma síndrome comportamental, de etiologias múltiplas (MATTOS e NUERNBERG, 2011, p. 131).

Tendo em vista um pouco do contexto histórico, é de grande importância compreender a diferença entre exclusão, segregação, integração e inclusão, pois esses processos perpassam a história da educação para pessoas com necessidades especiais, entre elas o aluno com TEA. Na fase da exclusão, os grupos menores de pessoas que tinham algum tipo de deficiência ou outra condição considerada diferente, a sociedade simplesmente os ignorava, rejeitava, perseguia, como também abusava psicologicamente e fisicamente dessas pessoas (FEITOSA, 2020).

No nível de segregação, as pessoas eram distanciadas da sociedade e da família, costumavam ficar em instituições específicas por motivos religiosos ou solidário, não tinham quase nenhuma qualidade de cuidados recebidos. Surgiram com o tempo escolas especiais, pois notou-se que com ensino e treinamento específico essas pessoas poderiam ser produtivas em algo. A fase de integração na linha do tempo da educação começa quando a pessoa com deficiência começa ter acesso a escola regular, com tanto que a pessoa se adaptasse e não gerasse algum tipo de problema no ambiente escolar. Com o progresso da sociedade, começou-se a buscar a inclusão social e o respeito à diversidade, ganhando força pelo mundo (FEITOSA, 2020).

A inclusão começa a se fazer presente através da aceitação e a valorização da diversidade, como também o auxílio entre diferentes e os vários tipos de aprendizagem, são valores que devem fazer parte da inclusão social, entendida como o processo pelo qual a sociedade busca formas de incluir, em vários âmbitos, pessoas com necessidades especiais, como também proporcionam a essas pessoas assumir autonomia na sociedade (SILVA, 2009).

No que se refere a inclusão de alunos com TEA, existem quatro indicadores que podem ajudar no processo: Presença, Participação, Aceitação e Aprendizagem. A Presença se trata de introduzir o aluno com TEA na escola, ou seja, manter sua frequência. A Participação refere-se a aprender inserido com os outros, tendo assim interação, à comunicação e o auxílio de todos na aprendizagem. A aceitação diz respeito em como os outros colegas estão aceitando esse aluno com TEA, a compreensão de todos em relação a ele e, também, sobre quem apoia esse aluno em sala. A aprendizagem corresponde à forma de avaliar o aluno durante a vida escolar. Quanto à presença, algumas crianças comparecem diariamente a escola, mas devido ao comportamento (as vezes agressivo), acabam não ficando todo o tempo necessário na sala de aula com seus colegas (TERRA, 2017).

Kubaskil, Pozzobon e Rodrigues (2015) salienta que se faz presente um desconhecimento por parte dos professores para trabalhar com a inclusão. Os professores não possuem cursos próprios para a área, fazendo com que sejam inexperientes no tratamento de alunos com TEA, assim não havendo uma boa comunicação com o aluno (TERRA, 2017).

A comunicação com o aluno com TEA se dá de outras maneiras em comparação com os demais alunos. É preciso que o psicólogo como mediador

proporcione o aprendizado ao professor com o intuito que esse reconheça a importância de praticar atividades não verbais em sala de aula, por meio de fotos, objetos, figuras e expressões faciais, afim de facilitar a compreensão não verbal focada ao autista, pois a linguagem não verbal é o princípio para um melhor progresso da linguem verbal, já que boa parte das vezes o autista tem dificuldade na compreensão de gestos e símbolos (QUEIROZ et al, 2017).

O psicólogo escolar como mediador pode estabelecer junto aos professores e classe a importância de se abordar o outro na tentativa de comunicação e interação, para que haja a minimização do isolamento do sujeito tido como diferente. Ademais, os colegas e professores podem ajudar a desviar as manias e comportamentos estereotipados do aluno autista, mas para isso é preciso um trabalho conscientizador e especializado de um psicólogo escolar junto aos agentes da escola (QUEIROZ et al, 2017, p. 11).

A comunicação dos alunos com TEA também foi relatada como um grande desafio, tanto para os professores quanto para os colegas. Dificuldades para usar ou relataram que não usavam, materiais e métodos adaptados para alunos com TEA. Dificuldade com a diversidade em sala de aula que inclui alunos com outras deficiências além dos alunos com TEA, pois, muita das vezes não tem o suporte necessário do que está esperado legalmente, previsto em lei. Também nota-se dificuldades em se comunicar com a família (CAMARGO et al, 2020).

3 O PAPEL DO PSICÓLOGO FRENTE AO PROCESSO INCLUSIVO

Para que possamos compreender e falar sobre as contribuições e ações que a Psicologia traz para a área escolar especialmente na educação inclusiva, que têm o intuito de promover estratégias educacionais para alunos com deficiência intelectual, é extremamente importante salientar que a escola é um lugar plural e interdisciplinar, onde há diversidade de saberes de diversos profissionais envolvidos na produção do saber, inclusive o psicólogo(a) que pode e deve envolver-se diretamente com ações educacionais (GUIMARÃES, 2021).

Os profissionais da área de Psicologia e de Educação encontram diversas limitações tanto no funcionamento intelectual quanto no comportamento dos alunos com deficiência intelectual nas escolas; desse modo irão necessitar obter um bom conhecimento destas limitações do aluno com deficiência intelectual para obter um trabalho fidedigno. O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) define o transtorno do desenvolvimento intelectual com uma deficiência de início no período do desenvolvimento, que inclui déficits funcionais, tanto intelectuais quanto adaptativos, nos domínios conceitual, social e prático. As estratégias de inclusão escolar vêm se estruturando constantemente no campo da educação, preocupando-se em propor alternativas para as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem e socialização, para que assim possam ser superadas e permitam a evolução física e cognitiva das crianças que apresentam quadros de deficiência intelectual, que as impossibilitem realizar tarefas escolares (GUIMARÃES, 2021).

Em seu trabalho, Benitez (2021) aponta um fator muito importante como papel do psicólogo no processo inclusivo, o trabalho realizado com pais e professores. Esse trabalho interventivo tem o objetivo de apresentar aspectos do TEA e orientar pais e professores quanto a atividades a serem realizadas com os alunos, capacitação de pais e professores para lidar com o TEA no processo educacional dentro e fora de sala de aula e a exposição teórica da técnica de aplicação das atividades de ensino, deixando ambos os lados cientes do que é realizado nesse processo.

Ainda dentro do trabalho realizado por Benitez (2021), vale ressaltar a importância do psicólogo dentro do processo de pesquisas realizadas dentro do campo de processos educacionais voltados para alunos com TEA, essas pesquisas trazem resultados que servem não apenas para referência teórica, mas também como

uma forma de ressaltar a validade de intervenções realizadas dentro das escolas. A quebra de mitos quanto ao indivíduo com TEA também é outro fator que ocorre nessas pesquisas, enfatizando a subjetividade e a realidade de vida desses sujeitos.

Braz-Aquino (2016), aponta para aspectos socioculturais e ideológicos que influenciam o modo como as diferenças e a inclusão são vivenciadas na escola, e dentro do processo de inclusão escolar, o aspecto sociocultural é importante até mesmo para o desenvolvimento natural, já que ocorrem modificações no indivíduo por conta de suas interações sociais.

Dentro desse aspecto sociocultural, Matínez (2009) expõe a grande responsabilidade do psicólogo nesse processo, já que cabe ao psicólogo um papel de transformação de processos educativos, com a efetivação das mudanças necessárias que demanda a melhoria da qualidade da educação no país.

Dentro do âmbito prático, Silva (2012) fala sobre o modelo de trabalho dos psicólogos nesse meio, onde, por muito tempo, esse modelo de trabalho foi baseado em uma prestação de serviço, uma prática voltada para avaliação dos alunos, diagnóstico e encaminhamentos, um modelo atualmente muito criticado por não demonstrar a real função do psicólogo frente a esse cenário. Os psicólogos escolares devem se preocupar menos em identificar o que está errado com o aluno, na tentativa de mensurar os problemas e ofertando serviços remediativos, já que essas ações restringem a proposta de atuação da Psicologia dentro da escola, já que muito tempo é gasto em encontrar diagnósticos precisos, uma informação pouco relevante para a elaboração de uma intervenção educacional efetiva. (SHERIDAN E GUTKIN, 2000, p. 487).

Um importante papel do psicólogo em ambientes escolares deve ser trabalhar de maneira colaborativa com familiares, professores e outros profissionais no delineamento de intervenções preventivas que melhorem a qualidade de vida dos alunos, promovendo o aprendizado e o desenvolvimento deles no ambiente escolar. Para tanto, psicólogos podem auxiliar os professores a diversificar e aprimorar sua postura ao ensinar, a manejar a sala de aula para diminuir comportamentos inapropriados apresentados pelos alunos, e ensinar-lhes habilidades sociais, além de auxiliar familiares no desenvolvimento de práticas parentais mais positivas. (SILVA, 2012. p. 03)

Outro fator muito importante dentro do âmbito prático é o comprometimento não só do profissional da Psicologia ou do Educador, mas de outras áreas, como a linguagem e a comunicação, já que é um processo que se torna mais rico e preciso quando se tem o envolvimento de mais profissionais adequados para o campo. (DE MATOS, 2018, p 02).

Pensando no âmbito de mais de um profissional envolvido no campo, De Matos (2018) ainda ressalta a importância das políticas institucionais, que favorecem a coesão da equipe educacional e a promoção de mudanças das escolas e de modo a oportunizar a expansão de práticas de inclusão.

Dentro da perspectiva de interação social, Lemos (2014) aborda a importância de trabalhar aspectos educacionais não só dentro da escola, mas, trazendo o papel educacional do psicólogo para fora do ambiente escolar; é importante que a criança tenha um ambiente interpessoal, para a aquisição de habilidades comunicativas, com suporte adulto, uma vez que o adulto também é sensível as necessidades conversacionais da criança e é capaz de adequar suas contribuições às capacidades dela, ou seja, o adulto pode adaptar seu comportamento comunicativo para obter respostas das crianças.

Cabe aos profissionais que trabalham com indivíduos com TEA utilizarem estratégias que contemplem a aquisição de habilidades de interações social, comunicação e comportamento, visando a importância dessas habilidades no desenvolvimento humano desde a mais tenra idade. (LEMOS, 2014. p. 03).

Nesse sentido, destaca-se a escola como um dos espaços que favorecem o desenvolvimento infantil, tanto pela oportunidade de convivência com outras crianças quanto pelo importante papel do professor, cujas mediações favorecem a aquisição de diferentes habilidades nas crianças. (LEMOS, 2014. p. 03).

Quanto ao processo de inclusão nas escolas, Bosa (2002) ressalta que a prática de inclusão que apontam para a ênfase nos prejuízos e limitações inerentes a síndrome tornam essa prática questionável, a prática de intervenção, mesmo que difícil, deve ser focada no desenvolvimento de habilidades cognitivas nas crianças com TEA.

Dentro dos processos voltados para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, Silva (2010) relata que se deve aproveitar a atenção e a iniciativa de crianças com autismo para explorar determinados objetos e utilizar esta iniciativa como via para estabelecer e manter as trocas de ações com essas crianças pode ser

uma alternativa para enriquecer a interação social, tanto com adultos como também com outras crianças.

O Psicólogo Escolar precisa ser um profissional comprometido política, ética e socialmente com a transformação da realidade, implicando na criação de espaços sociais mais democráticos e com respeito à diversidade humana. (DE MATOS, 2018, p.02).

Como dito por Fleith (2011), o Psicólogo Escolar pode ser um forte agente transformador quando obtém conhecimento do seu papel e como realizá-lo. Este entendimento possibilita a promoção de ações que destaquem o respeito às diferenças, o que pode ajudar a construir um ambiente favorável à inclusão, por meio do trabalho integrado com os demais agentes escolares, tanto no sentido de promover reflexões como de delinear estratégias interventivas (BRAZ-AQUINO, 2016).

4 DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS ESCOLAS E PELOS ALUNOS

Benini (2016) em seu trabalho, expõe que houve um crescimento de crianças e jovens com TEA frequentando as Escolas Comuns, este aumento se deve a instituição de Leis e Políticas Públicas. No entanto, ainda faltam condições apropriadas que garantam a permanência deste aluno na escola, principalmente falando sobre formação profissional para atuar com a escolarização destes estudantes. (BENINI, 2016. p. 06).

Como exposto por Benini (2016), a presença de alunos com TEA na escola gera a necessidade de aprimoramento das práticas educativas e pedagógicas, cria uma necessidade ao uso de recursos e principalmente da instrumentalização dos professores para que compreendam as especificidades que estes alunos apresentam nos processos de socialização e aprendizagem.

Se perguntarmos a muitos professores que atuam em escolas inclusivas poucos saberão definir com exatidão aspectos e características, preferindo tomar para si um discurso equivocado e obscuro do que seja o Autismo. (BENINI, 2016, p. 03).

[...] quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças que se debatem contra a parede, tem movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo, e chegam até dizer que são perigosos e precisam ser trancados em uma instituição para deficientes mentais. São falas que revelam desinformação a respeito dessa síndrome (ORRÚ, 2012, p. 37).

Para Cruz (2014), a exclusão social do autista é outro desafio emergente, que ocorre por concepções preconceituosas a respeito do autismo, de modo que a sociedade se posicionou de um modo que, seguindo as próprias limitações da pessoa com autismo, o indivíduo é excluído de relações e interações, e isso determina sua privação das relações sociais.

A organização da rotina também é um fator crucial para a permanência da criança na escola e deve ser trabalhada e ensinada assim que a criança chega a escola, com isso, ela poderá visualizar melhor a organização do ambiente e das atividades na busca de autonomia e independência. De acordo com Camargo *et. al* (2020) essa organização de rotina também é um desafio aos professores,

principalmente por conta de mudanças repentinas que podem ocorrer nas atividades diárias.

Orrú (2012), aponta que pessoas com TEA costumam ter dificuldade de expressar adequadamente, apresentando algumas inabilidades quanto à comunicação, sendo as mais comuns a ausência de espontaneidade na fala; fala pouco comunicativa com tendência a monólogos; utilização do pronome pessoal de terceira pessoa.

O Manual para Escolas (2011) apresenta que algumas pessoas com TEA apresentam também habilidades que permitem em muitos casos superar áreas de déficits, como forte destreza visual, facilidade em entender e reter conhecimento, excelente memória para detalhes ou fatos mecânicos e habilidades artísticas. Estas características e habilidades podem determinar áreas de investimento pedagógico, desafiando a escola no desenvolvimento de novas práticas e abordagens metodológicas, sempre com vistas à inclusão. (BENINI, 2016, p. 08).

Quanto aos desafios enfrentados pela escola, principalmente quanto aos professores, o trabalho de Camargo *et. al* (2020) aponta inicialmente para a dificuldade em manejar os comportamentos do aluno com TEA, principalmente aqueles atrelados a recusa em fazer atividades ou seguir rotinas e regras.

As dificuldades da criança com TEA em engajar-se em uma atividade escolar pode estar fortemente atrelada a características do transtorno que são relacionadas, por exemplo, a interesses restritos e à inflexibilidade para engajar-se em tarefas não preferidas. Trata-se de um conjunto de características bastante peculiares que se refletem em dificuldades comportamentais que necessitam ser compreendidas a partir do conhecimento dos interesses e das preferências do aluno e suas dificuldades, mas que são, como exemplificado acima, frequentemente interpretadas como birra ou recusa proposital. (CAMARGO, SÍGLIA PIMENTEL HOHER, 2020, p. 06.)

Outro desafio apontado por Camargo *et. al* (2020), é o interesse restrito e estereotipado de crianças com TEA, geralmente esses comportamentos aparecem como balanço do corpo e agitação das mãos e podem ocorrer em momentos de frustração ou satisfação, no ambiente escolar está frequentemente associado à realização de atividades preferidas e/ou desencadeadas pelas características do TEA,

de inflexibilidade frente a interesses que possui, rigidez de sequência de atividades ou disposição de objetos na sala de aula.

Quanto a agressividade que muitas vezes é atrelada ao autismo, CAMARGO *et.al* (2020) a cita como também um desafio:

Embora comportamentos agressivos não sejam uma característica ou critério diagnóstico para o autismo, muitos alunos podem apresenta-los. Geralmente, a criança com autismo pode apresentar comportamentos agressivos quando há dificuldade para comunicar alguma insatisfação ou necessidade. Por esse motivo, a ocorrência desses comportamentos exige uma análise contextual cuidadosa, pois todo comportamento tem uma função e suas causas estão frequentemente associadas a fatores relativos ao próprio ambiente em que ocorre. A agressividade foi citada como um obstáculo para o processo de ensino-aprendizagem e também para o relacionamento dos colegas com o aluno com TEA, devido ao medo que ele causa por suas atitudes. É evidente a dificuldade que as professoras têm em explicar e realizar uma análise do contexto e das situações que desencadeiam os comportamentos agressivos. (p. 09)

Quanto a realização de atividades, Da Silva (2012) relata que as atividades em que um aluno com TEA apresenta mais dificuldades são as de interação com o outro, a mudança de rotina, imitação e comunicação

Ainda em seu trabalho, Da Silva (2012) fala sobre recursos materiais disponibilizados pela escola, onde ainda não são suficientes para a preparação e elaboração de atividades diferenciadas no ensino comum. A preparação das escolas para receber um aluno com TEA ainda precisa de muito avanço, sempre levando em consideração o que é necessário para que a criança possa se desenvolver, pensando também nas intervenções necessárias e se apoiando em discussões com professores regentes, equipe de apoio e psicólogo escolar, visando um desenvolvimento educacional adequado e satisfatório.

O psicólogo escolar como mediador pode estabelecer junto aos professores e classe a importância de se abordar o outro na tentativa de comunicação e interação, para que haja a minimização do isolamento do sujeito tido como diferente. Ademais, os colegas e professores podem ajudar a desviar as manias e comportamentos estereotipados do aluno autista, mas para isso é preciso um trabalho conscientizador e especializado de um psicólogo escolar junto aos agentes da escola (QUEIROZ *et al*, 2017, p. 11).

Dentre os desafios dos professores também estão aqueles em enfrentar as dificuldades de socialização do aluno, tanto em se relacionar com os alunos com TEA como eles também apresentam dificuldade em se relacionar com os colegas. Contudo, foi notado principalmente na fala das professoras no que se refere as dificuldades pedagógicas, isto é, as dificuldades na execução do trabalho acadêmico com o aluno com TEA tanto para ensiná-lo, como para analisar sua aprendizagem (CAMARGO et al, 2020).

Como dito por Camargo *et. al* (2020), o próprio desenvolvimento de estratégias para se utilizar em alunos com TEA acaba sendo uma dificuldade, já que muitas vezes falta o conhecimento e treinamento adequado para exercer tais estratégias.

A educação inclusiva em nenhum momento pode considerar que uma pessoa seja ineficaz e improdutiva em qualquer âmbito social em que esse faz parte. Desta forma, o afeto se torna algo importante para a conexão entre a escola, a família e o sujeito autista, o respeito à diferença, e a propriedade de conhecimentos que levarão esses indivíduos a serem pessoas críticas e autônomas em sua vida, (QUEIROZ et al, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante observações nota-se que ainda nos dias atuais há um grande despreparo dos profissionais das instituições para lidar com os alunos com TEA, principalmente quando há uma grande necessidade da instituição de ensino em se comunicar com pais ou responsáveis, pois a escola necessita entender as demandas de cada aluno em particular, para que haja um trabalho coerente e fidedigno.

Também que a construção de uma boa convivência do aluno(a) com TEA com os demais alunos no ambiente escolar é muito importante para o desenvolvimento físico e cognitivo, pois mediante a convivência com outros alunos a criança com TEA pode desenvolver habilidades sociais, trabalho em equipe, autoconfiança entre diversas outras habilidades que podem ser desenvolvidas. Sendo assim ajudando e preparando essas crianças para o mundo das relações pessoais e interpessoais.

Também que os papéis dos responsáveis é de grande importância, pois se faz necessário a participação direta na vida do aluno, entendendo que, para que o aluno se desenvolva, sua participação é essencial, até mesmo para que a escola possa entender a rotina e o comportamento do aluno dentro de casa e na sua vida cotidiana.

A comunicação é extremamente importante que haja clareza de tudo que está ocorrendo com o aluno dentro da escola, pois a escola precisa incluir o aluno de forma que ele não seja discriminado ou excluído pelos demais, e isso não é uma tarefa fácil pois é necessário profissionais capacitados para lidar com as mais diversas situações em que o aluno terá que se submeter no decorrer de sua vida escolar, sendo necessários profissionais de psicologia, pedagogia, entre outros que compõem uma equipe multidisciplinar para que o aluno seja acolhido de maneira em que ele se sinta bem e capaz.

O processo inclusivo é necessário e contribui diretamente para o desenvolvimento do aluno com TEA, trazendo esse aluno para o convívio social e escolar e que em nenhum momento pode considerar que esse aluno seja incapaz ou improdutivo em qualquer âmbito social em que ele faz parte. Desta forma, podemos perceber que o afeto é uma fermenta extremamente importante no que diz respeito ao acolhimento entre a escola, a família e o sujeito autista, o respeito à diferença, e a

propriedade de conhecimentos que levarão esses indivíduos a serem pessoas críticas e autônomas em sua vida. Diante as observações conclui-se neste trabalho que é indispensável a necessidade de profissionais e escolas qualificadas trabalharem juntos para que o aluno com TEA seja de fato incluído no contexto escolar e não apenas inserido.

Dessa maneira podemos entender que o principal fator que segrega o aluno com TEA é o despreparo dos profissionais que precisam se capacitar para entender as demandas que um processo inclusivo traz, e que um bom trabalho pautado principalmente na ideia que o aluno necessita de um acolhimento especial pode ajudar de maneira significativa a diminuir fatores que pode levar aluno a segregação escolar.

Conclui-se que o Psicologia juntamente com uma equipe multidisciplinar formada por psicólogo, fonoaudiólogo, neuropediatra, psicopedagogo contribui de forma significava para a inserção e inclusão do aluno com TEA no ambiente escolar, trazendo sempre novas perspectivas e diversas técnicas que ajudam esses alunos, trabalhando o autocontrole e ajudando a superar as dificuldades dentro da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo; BENINI, W. Castanha. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. **Cadernos PDE, Paraná**, v. 1, 2016.

BENITEZ, Priscila; DOMENICONI, Camila. Atuação do psicólogo na inclusão escolar de estudantes com autismo e deficiência intelectual. **Psicol. Esc. Educ**, v. 22, n. 1, p. 163-172, abr. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/YXH3vPxbBQqf3yqpdfT9nJK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BOSA, C. A. Atenção compartilhada e identificação precoce do autismo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.15, n.1, p.77-88, 2002.

BRANDENBURG, Laude Erandi; LÜKMEIER, Cristina. A história da inclusão x exclusão social na perspectiva da educação inclusiva. In: **Anais do Congresso Estadual de Teologia**. 2013. p. 175-186.

BRAZ-AQUINO, Fabíola de Sousa; FERREIRA, Ingrid Rayssa Lucena; CAVALCANTE, Lorena de Almeida. Concepções e práticas de psicólogos escolares e docentes acerca da inclusão escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, p. 255-266, 2016.

CAMARGO, Sígria P. H, et al. Desafios no Processo de Escolarização de Crianças com Autismo no Contexto Inclusivo: Diretrizes Para Formação Continuada na Perspectiva dos Professores. **Educação em Revista**, v. 36, p. 1-22, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

CRUZ, Talita. *Autismo e Inclusão: experiências no ensino regular*. Jundiaí: Paco editorial, 2014.

DA SILVA, Sandra Francisca; DE ALMEIDA, Amélia Leite. Atendimento educacional especializado para aluno com autismo: desafios e possibilidades. **International Journal of Knowledge Engineering and Management (IJKEM)**, v. 1, n. 1, p. 62-88, 2012.

DE AGUIAR, Lidiane Mota et al. Educação Inclusiva: reflexões acerca das contribuições e desafios no processo educativo. **Revista Expressão Católica**, v. 7, n. 1, p. 44-49, 2018.

DE MATOS, Daniel Carvalho; DE MATOS, Pollianna Galvão Soares. Intervenções em psicologia para inclusão escolar de crianças autistas: estudo de caso. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 211, p. 21-31, 2018.

DE MATTOS, Laura Kemp; NUERNBERG, Adriano Henrique. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnósticos de autismo na Educação Infantil. **Revista Educação Especial**, v. 1, n. 1, p. 129-141, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1989/1720>.

FEITOSA, Victor. As diferenças entre exclusão, segregação, integração e inclusão. **Eureca**, 2020. Disponível em: <https://blog.eureca.me/exclusao-segregacao-integracao-e-inclusao/>. Acesso em: 19 nov. 2021.

Fleith, D. S. (2011). A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios para o psicólogo escolar. In R. S. L. Guzzo, & C. M. Marinho-Araújo (Orgs.), *Psicologia escolar: identificando e superando barreiras* (pp. 33-46). Campinas, SP: Alínea.

GUIMARÃES, Letícia Cabral; PINTO, Ana Paula Salgado. A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA PARA INCLUSÃO DE ALUNOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218**, v. 1, n. 1, 2021.

KANNER, Leo et al. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous child**, v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943. Disponível em: http://mail.neurodiversity.com/library_kanner_1943.pdf.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírley. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 1, p. 117-130, 2014.

LIMA, Stéfanie Melo; LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. Escolarização de alunos com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, p. 269-284, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/93w7MM64pfrMWrPTKmqxSBh/abstract/?lang=pt>.

MANUAL PARA AS ESCOLAS. Autismo & Realidade. 2011. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/Manual_para_as_Escolas.pdf.

MARRA, Aurea et al. DESAFIOS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA NA EDUCAÇÃO BÁSICA REGULAR. 2021.

Martínez, A. M. (2009). Psicologia escolar e educacional: compromissos com a educação brasileira. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(1), 169-177.

MATTOS, Laura Kemp de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnóstico de autismo na educação infantil. **Rev. Educ. Spec**, v. 24, n. 39, p. 129-142, jan/ abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1989>. Acesso em: 19 nov. 2021.

MELO, Leyland Galletti de. A inserção do aluno especial na escola inclusiva e o papel do psicólogo nesse processo. 2008.

OLIVEIRA, Maria da Luz dos Santos. **Formação Docente e Inclusão de Alunos Com Transtorno do Espectro Autista: Algumas Reflexões**. Orientadora: Sandra Alves. 2016. 54 f. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <<https://1library.org/document/zx0v024z-formacao-docente-inclusao-transtorno-espectro-autista-algumas-reflexoes.html>> . Acesso em: 19 nov. 2021.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

QUEIROZ, Maria C. C, et al. O psicólogo escolar como mediador no processo de aprendizagem das crianças autistas. **Rev. Universo Salvador**, v. 2, n. 5, p. 1-18, 2017. Disponível em: <<http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1UNIVERSOSALVADOR2&page=article&op=view&path%5B%5D=5494>> Acesso em: 18 nov. 2021.

SCHMIDT, Carlo et al. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicologia: teoria e prática**, v. 18, n. 1, p. 222-235, 2016. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=PrT1DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=Escola+autismo&ots=1K4XiHTP3x&sig=BjXCU0nwmn6CmCqjIQRUNekz70#v=onepage&q=Escola%20autismo&f=false>> .

SHERIDAN, S. M., GUTKIN, T. B. The ecology of school psychology: examining and changing our paradigm for the 21st century. *The school psychology review*, v.29, n.4, p.485-502, 2000.

SILVA, Aline Maira da; MENDES, Enicéia Gonçalves. Psicologia e inclusão escolar: novas possibilidades de intervir preventivamente sobre problemas comportamentais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, n. 1, p. 53-70, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbee/a/3C7nDd8hLCrh5nRHNvckN7v/?format=pdf&lang=pt>> .

SILVA, E. C. C. **Autismo e troca social: contribuições de uma abordagem microgenética**. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SILVA, Maria O. E. da. Da Exclusão à Inclusão: Concepções e Práticas. **Revista Lusófona de Educação**, v. 13, n. 13, p. 135-153, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/562>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Icaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 1-19, 2018. Disponível em: <<https://www.proquest.com/docview/2059598491?pqorigsite=gscholar&fromopenview=true>> .

TERRA, Ronara de Oliveira. **A Escola, o Autismo e a Inclusão**: uma revisão bibliográfica. Orientador: Rodrigo Geraldo Mendes. 2017. 11 f. TCC (Graduação) – Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: < <https://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/A-Escola-o-autismo-e-a-inclus%C3%A3o-Uma-revis%C3%A3o-bibliogr%C3%A1fica.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2021.